

Aspectos gerais

Título

A palavra *auto* vem do latim *actu-*, que significa ação, ato e corresponde a um tipo de composição teatral que teve a sua origem em Espanha, no século XII. Estes autos, tendo uma estrutura muito simples, tinham intenções moralizadoras, fazendo uso de elementos cômicos.

A ideia de apresentar o juízo final num cais, onde se encontram duas barcas, uma conducente ao Paraíso e outra ao Inferno, terá sido influenciada por tradições seculares, que concebem a morte como estando associada à passagem de um rio. Disso é exemplo o mito de Caronte, barqueiro que levava as almas para o mundo dos mortos, guiando a sua barca pelos rios Estige e Aqueronte.

Em muitas civilizações, a este conceito de passagem para o mundo dos mortos está também associado o pagamento. Daí ter sido tradição, por exemplo, entre os egípcios, a colocação de uma moeda na boca do defunto para pagamento da passagem.

Crítica de costumes

O teatro vicentino caracterizou personagens não como indivíduos, mas como tipos sociais, que funcionam como símbolo de uma classe ou de um grupo social ou profissional. Assim sendo, na obra de Gil Vicente, desfila uma sugestiva galeria de tipos da época: elementos do clero, religiosos, fidalgos, juizes, ciganos, feitiçeiros, escudeiros, a mulher romântica e a alcoviteira. Tudo ao serviço da sua sátira que, habilidosamente, não atinge pessoas mas tipos, com o objetivo de moralização, segundo a máxima latina: *Ridendo castigat mores* (*a rir castigam-se os costumes*).

Alegoria

A alegoria define-se como uma sucessão de metáforas e/ou comparações através das quais realidades abstratas são concretizadas. O recurso a uma realidade concreta permite melhor compreensão da realidade abstrata. Por esta razão, normalmente, a alegoria é um recurso estilístico que tem uma extensão textual prolongada. É o que se verifica no *Auto da Barca do Inferno* de Gil Vicente.

No auto vicentino, representa-se a passagem da vida para a morte por meio de uma alegoria que se associa à passagem de um rio, que será feita por uma de duas barcas, a barca do paraíso e a barca do inferno, que corresponde metaforicamente à salvação ou à condenação eternas. As almas são metaforicamente representadas por passageiros e o interrogatório a que são submetidas representa o julgamento das almas. O seu comportamento em vida determinará o seu destino depois da morte.

Personagens

As personagens são de dois tipos:

- **Personagens-tipo** (ver esquemas): representam uma classe social, profissional ou até um grupo religioso.
- **Personagens alegóricas**: estas personagens representam valores, conceitos. No *Auto da Barca do Inferno*, o Anjo e o Diabo são personagens alegóricas que se associam, respetivamente, ao bem ou ao mal. Elas desempenham, na peça, o papel de juizes que julgam as almas, tendo em conta a sua conduta em vida.

Tipos de cômico

Ao longo do auto, identificamos o recurso a três tipos de cômico:

- **Cômico de linguagem**: consiste em utilizar a linguagem para provocar o riso, através das repetições, dos registos de língua e de outros recursos expressivos. Um desses recursos é, por exemplo, a ironia, que está presente nas falas das personagens, nomeadamente nas do Diabo.
- **Cômico de caráter**: resulta quer da apresentação das personagens, quer das suas atitudes e comportamentos.
- **Cômico de situação**: resulta das situações criadas pelas personagens que, pela forma caricaturada como são apresentadas, levam ao riso.

Linguagem

Gil Vicente representa, na história da língua, o ponto de transição da forma arcaica (anterior ao século XVI) para a forma moderna, revelando já a influência da renovação da linguagem associada à época dos Descobrimentos.

ESTUDO DAS CENAS/PERSONAGENS-TIPO

Fidalgo D. Anrique

(Cera II)



MOVIMENTAÇÃO EM CENA	Cais → Barca do Diabo →	Barca do Paraíso →	Barca do Diabo (embarque)
EVOLUÇÃO PSICOLÓGICA DA PERSONAGEM	• Seguro, sereno, altivo, convicto de que irá para a Barca do Anjo	• Arrogante • Irritado porque o Anjo não lhe responde • Arrependido e desanimado por ter confiado no seu "estado"	• Humilde (pede ao Diabo que o deixe regressar a terra para ir ter com a amante e, depois, com a mulher) • Resignado (aceita a condenação)

SÍMBOLOS	SIGNIFICADO
Pajem	Elemento do povo, principal vítima da opressão e da tirania da nobreza
Manto	Validade, presunção
Cadeira de espaldas	Vida de privilégios, associada à sua condição social

ASPETOS CARACTERIZADORES

- Nobre (fidalgo de solar)
- Apresenta-se como sendo detentor de um importante estatuto social
- Valioso e presunçoso
- O seu longo manto e o criado que carrega a cadeira evidenciam a sua validade e ostentação
- A forma como reage perante o Diabo e o Anjo revela a sua arrogância (de quem está habituado a mandar e a conseguir tudo)
- Despreza a barca do Diabo, chamando-lhe "cortiço"
- Além da sua mulher, tinha uma amante, mas ambas o enganavam: a mulher, quando ele morreu, chorava de felicidade e a amante tinha outro amante ainda em vida do Fidalgo

DE ACUSAÇÃO	ARGUMENTOS	DE DEFESA
• Vida de prazeres [viveu a «seu prazer» (v. 48)] • Imoralidade [tivera duas mulheres, a esposa e a amante (v. 107)] • Privilégios [«fostes fumoso» (v. 107)] • Validez e presunção. «Pera vossa fanteia» (v. 88)] • Ativez e orgulho [«desprezastes os pequenos» (v. 106)] • Tirania para com o povo	• Aspecto da barca infernal [um «cortiço» (v. 32), isto é, desagradável e reles para transportar um elemento da nobreza, pessoa importante e poderosa] • Orações em sua intenção [«leixo na outra vida/quem reze sempre por mim» (vv. 44-45)] • Estatuto social [«Sou fidalgo de solar» (v. 82)] • Importância na sociedade [«Pera senhor de tal marca» (v. 90)]	

CÔMICO DE CARÁTER

Presunção do Fidalgo no início da cena, quando julga que manterá o tratamento diferente que teve em vida.

INTENÇÃO CRÍTICA

O Fidalgo é uma personagem-tipo que representa a nobreza, os seus vícios, tirania, validade, arrogância e presunção, a vida de luxúria dos nobres, a sua imoralidade, a exploração do povo e o seu conceito de que as orações e a vida à missa conduziam à salvação.

De uma forma geral, os elementos desta classe têm estes pecados (o que se comprova pela referência ao pa de D. Anrique, que também fora condenado).

O Onzeneiro

(Cena III)

CLASSE PROFISSIONAL

Onzeneiro, usurário que vive à custa de altos juros de dinheiro (11%), que empresta

DESENLACE

Condenação

MOVIMENTAÇÃO EM CENA	Cais → Barca do Diabo →	Barca do Paraíso →	Barca do Diabo (embarque)
EVOLUÇÃO PSICOLÓGICA DA PERSONAGEM	Inconformado com a morte e com o facto de não trazer dinheiro consigo.	Preocupado com o dinheiro que deixou em vida	- Inconformado (diz ao Diabo que quer voltar a terra para ir buscar dinheiro para entrar na barca do Anjo) - Resignado (aceita a condenação)

ASPECTOS CARACTERIZADORES

- Sovina, avarento e ganancioso
- Subornado
- Presunçoso e materialista
- Resignado
- Surpreendido

SÍMBOLOS

Bolsão
Apego da personagem ao dinheiro
Avariza, materialismo, ambição, cobiça

ARGUMENTOS

DE ACUSAÇÃO	DE DEFESA
«meu parente» (o Diabo identifica-se com ele) - Ladrão, subornado [«mui muito mrespanto/ nom vos livrar o dinheiro» (vv. 190, 191)] - Cobiçoso, interessiro [«esse bolsão/tomará todo o navio» (vv. 219, 220)] - Ganancioso, materialista, avaro [«Ó onzena, como es fea/ e filha de maldição» (vv. 225, 226)]	- Morreu sem esperar, pelo que não pôde ganhar mais dinheiro [«mais quisera eu lá tardar.../na çaíra do apanhar» (vv. 187, 188)] - Não lhe deram dinheiro para a viagem [«Solamente pera o barqueiro/nom me leixaram nem tanto» (vv. 192, 193)] - Traz o bolsão vazio [«Juro a Deos que vai vaziol» (v. 221)] - Deixou toda a sua fortuna em vida [«Lá me fica de rodão/minha fazenda e alhea» (vv. 223, 224)] - O Anjo não o aceitou no seu batel por o Onzeneiro não ter dinheiro [«Aqueloutro marinhoiro,/por que me vê vir sem nada,/dá-me tanta borregada/como arraiz lá do Barreiro» (vv. 231, 234)]

CÓMICO DE SITUAÇÃO

«Santa Joana de Valdés/Cá é vossa senhoria?» (vv. 244, 245)
«Dar-vos-ei tanta pancada com um remo, que renegueis» (vv. 250, 251)

INTENÇÃO CRÍTICA

Nesta cena, Gil Vicente, por meio desta personagem-tipo, denuncia a exploração do povo por pessoas movidas pela ambição e ganância, o que os levava a cobrar juros altíssimos, enriquecendo às custas dos necessitados (usura). O dramaturgo também desvaloriza a importância do dinheiro.

Joane, o Parvo

(Cena IV)

CLASSE

O parvo não representa nenhuma classe socioprofissional (pertence à galeia de parvos vicentinos que têm como função o cómico, provocado pelos disparates que dizem)

DESENLACE

Salvação

MOVIMENTAÇÃO EM CENA	Cais → Barca do Diabo →	Barca do Paraíso → (fica a aguardar)
EVOLUÇÃO PSICOLÓGICA DA PERSONAGEM	Agressivo e injurioso para com o Diabo	Humilde e simples na forma como responde à questão do Anjo («Samica alguém»)
SÍMBOLOS	SIGNIFICADO	
Não traz adereços	Não tem pecados que o possam condenar	
ASPECTOS CARACTERIZADORES		
- Inocente e pobre de espírito (tolo) - Ingénio [«De pulo ou de voo?» (v. 260)] - Pobre de espírito (insultos que dirige ao Diabo) - Simples [«Samica alguém» (v. 312)] - Considera não ter relevância social - Agressivo e trocista (para com o Diabo e para com outras personagens que virão): «É esta naviarra nossa?» (v. 255); «Barca do cornudo/Pero Vinagre, beijudo» (vv. 282-283)		

ARGUMENTOS

DE ACUSAÇÃO	DE DEFESA
Não existem.	- O Parvo não usa qualquer argumento de defesa - O Anjo considera que, se o Parvo pecou, o fez sem intenção ou premeditação [«em todos os teus fazeres/per malícia nom erraste» (vv. 313-314)] - Segundo o Anjo, o Parvo é um simples pelo que não merece o castigo [«Tua simpreza t'abaste/pera gozar dos prazeres» (vv. 316-317)]

CÓMICO DE LINGUAGEM

Linguagem imprópria e escarológica utilizada pelo Parvo. Pragas dirigidas ao Diabo.

CÓMICO DE SITUAÇÃO

Insultos dirigidos ao Diabo.

CÓMICO DE CARÁTER

Personalidade de Joane, que se revela um simples. Por exemplo, não sabe como entrar na barca, o que c leva a perguntar se deveria ir de pulo ou voo.

INTENÇÃO CRÍTICA

Gil Vicente tem uma intenção lúdica, ao apresentar esta personagem em palco.

Em determinadas cenas, o Parvo tem a função crítica, quando comenta criticando e acusando, a personagem que chega ao cais.

O Sapateiro (João Antão)

(Cena V)

MOVIMENTAÇÃO EM CENA	CLASSE PROFISSIONAL Sapateiro (representante dos artesãos)	DESENLACE Condenação
-------------------------	---	-------------------------

• Confiante (da sua salvação, pois cumpriu os preceitos religiosos)	• Humilde perante o Anjo	Barca do Paraíso →
• Agressivo (quando confrontado com os seus «pecados»)	• Espantado por as formas serem um entrave à sua entrada na barca do Anjo	Barca do Diabo (embarque)
• Espantado com o facto de as práticas religiosas não o salvarem	• Resignado (pede ao Diabo e ajudantes que o deixem entrar, aceitando o seu destino)	

SÍMBOLOS Avental Formas	SIGNIFICADO Simbolizam os seus pecados associados à sua profissão de sapateiro, por meio da qual roubou o povo. Em particular o avental pode ser interpretado como um símbolo da falsidade do Sapateiro, que aparentava ser um homem honesto, o que não correspondia à verdade.
--------------------------------------	---

ASPECTOS CARACTERIZADORES

- Homem pouco honesto, que roubou e explorou os seus clientes ao longo de toda a vida
- Indecoroso e grosseiro, devido à linguagem que utiliza
- Pecador, que acabou excomungado
- Hipócrita na forma como diz respeitar a religião, roubando, de seguida, o povo

DE ACUSAÇÃO	ARGUMENTOS	DE DEFESA
• Falso e mentiroso [«Santo sapateiro honrado!» (v. 324), recorra o Diabo com ironia]	• Cumpriu todos os preceitos da religião católica: – afirma ter-se confessado e comungado antes de morrer [«confessado e comungado» (v. 334)] – ao longo da sua vida, foi frequentemente à missa [«Quantas missas eu ouvi» (v. 347)] – fez inúmeras dádivas aos santos em cumprimento de promessas [«ofertas» (v. 351)] – rezou pelos defuntos [«E as horas dos finados?» (v. 352)]	
• Vem carregado de pecados [«Como vens tão carregado?» (v. 325); «A carga tembaraça» (v. 362)]		
• Foi um pecador em vida [«tu morreste excomungado; / nom o quixeste dizer» (vv. 337-338)]		
• Nunca confessou todos os pecados praticados [«calaste dous mil enganos» (v. 340)]		
• Não era coerente com os princípios do catolicismo [«Ouvir missa, então roubar» (v. 349)]		
• Roubou e explorou o povo, aproveitando-se da sua profissão [«tu roubaste bem trinta'anos/o povo com teu meter» (vv. 341-342); «leva quem rouba na praça» (v. 366)]		

CÓMICO DE LINGUAGEM

«Santo sapateiro honrado! / Como vens tão carregado?» (vv. 324-325) (cómico associado à ironia); «quatro forminhas cagadas» (v. 370).

INTENÇÃO CRÍTICA

Nesta cena, Gil Vicente visa criticar a classe dos artesãos, em particular a dos sapateiros, que, por meio do exercício da sua profissão, exploravam e roubavam o povo sob uma capa de honestidade, para enriquecer. Critica-se, ainda, os que viviam uma vida contrária aos princípios da religião que diziam seguir, acreditando que o respeito pelos preceitos religiosos bastaria para que todos os pecados fossem perdoados.

O Frade

(Cena VI)

CLASSE SOCIAL Clero	DESENLACE Condenação (do Frade e de Florença) *
------------------------	--

MOVIMENTAÇÃO EM CENA	Cais → Barca do Diabo →	Barca do Paraíso →	Barca do Diabo (embarque)
EVOLUÇÃO PSICOLÓGICA DA PERSONAGEM	• Alegre e bem-disposto, surge cantando	• Aceita a condenação (depois de ouvir a acusação do Parvo, pois o Anjo não lhe dirige a palavra)	• Resignado, embarca com Florença (também ela condenada)
	• Assume a moça como sua amante		
	• Obstinado, recusa entrar na barca do Diabo		
SÍMBOLOS	SIGNIFICADO		
Moça Florença	Símbolo dos pecados do Frade por ter um relacionamento com uma mulher, quando devia respeitar o voto de castidade (por esta razão, também a moça é condenada)		
Espada, escudo e capacet	Simbolizam a vida de corteão (vida mundana) do Frade, que era contrária à vida religiosa que este deveria respeitar		
Hábito	Simboliza a classe social a que pertence a personagem, cujos princípios não respeitou em vida		

ASPECTOS CARACTERIZADORES

- O Frade autocaracteriza-se como «cortesão» (v. 387), ou seja, alguém que se identifica com a forma de vida da corte, o que fica claro também no facto de saber cantar, conhecer a esgrima e tocar viola
- Assume-se como «namorado» e reconhece viver uma vida dupla (tal como os outros frades, aliás): por um lado, não respeita os princípios da religião, uma vez que traz consigo Florença e confessa ser seu «namorado», mas, por outro lado, afirma ser respeitador da religião, uma vez que tem «tanto salmo rezado». É, por esta razão, devasso e depravado
- Alegre, bem-disposto, despreocupado e confiante, o que se pode confirmar pelo facto de cantar frequentemente

DE ACUSAÇÃO	ARGUMENTOS	DE DEFESA
• Desrespeitou os votos de castidade [«Esta dama, é ela vossa?» (v. 78); «Devoto padre marido» (v. 430)]	• O facto de ser membro do clero, de ter rezado e de ter estado ao serviço da fé é garantia de salvação [«E este hábito não me val?» (v. 405); «tanto salmo rezado» (v. 427)]	
• Dedica-se às atividades mundanas, como a esgrima ou o canto e a dança		
• O silêncio do Anjo pode ser interpretado como uma atitude de forte reprovação das atitudes do Frade		

CÓMICO DE LINGUAGEM

«Devoto padre marido» (v. 430).

CÓMICO DE SITUAÇÃO

O Frade entra em cena com a Moça pela mão.

Julgava que o facto de ser membro do clero bastaria para o salvar não só a ele como também à moça.

CÓMICO DE CARÁTER

O Frade dança, canta e dá uma aula de esgrima

INTENÇÃO CRÍTICA

O Frade é uma personagem-tipo que permite a Gil Vicente denunciar a devassidão do Clero da altura, que se ocupava mais das atividades da vida na corte do que das suas obrigações enquanto membros do Clero. Esta devassidão moral está também presente no facto de o Clero manter relações amorosas quando a sua função exigia o respeito pelo celibato.

A Alcoviteira (Brisida Vaz)

(Cena VII)

CLASSE PROFISSIONAL

Alcoviteiras (na época, eram mulheres que arranjavam casamentos ou exploravam moças, levando-as à prostituição)

DESENLAÇE

Condenação

MOVIMENTAÇÃO EM CENA	Cais → Barca do Diabo →	Barca do Paraíso →	Barca do Diabo (embarquei)
EVOLUÇÃO PSICOLÓGICA DA PERSONAGEM	• Decidida a não entrar na barca do Diabo		
	• Procura seduzir o Anjo		
	• Decide embarcar porque parecer mal estar tanto tempo no cais		

SÍMBOLOS

Seiscentos virgos e outros adereços: moças que vendia
Todos os elementos cénicos apontam para os pecados que a vão condenar: a prática e o incitamento à prostituição
Apontam ainda para outros pecados da Alcoviteira, como o furto e a burla ou o logro

ASPECTOS CARACTERIZADORES

- Linguagem lisonjeira e repleta de termos carinhosos, usados de forma hipócrita
- Personagem hipócrita e descarada, o que se comprova pelos argumentos de defesa que apresenta (assumindo-se como uma mártir e comparando-se aos apóstolos)
- Manhosa e enganadora (o que é indicado por alguns dos adereços que traz consigo, como as arcas de feiticos ou os armários de mentir)
- Assume furtos alheios
- Sedutora, quando procura convencer o Anjo a deixá-la entrar, usando uma arte que conhecia bem [«Barqueiro! mano, meus olhos» (v. 533)] e hipócrita [«fiz cousas mui divinas» (v. 548)]

ARGUMENTOS

DE ACUSAÇÃO	DE DEFESA
• Autoacusa-se ao enumerar os adereços que traz consigo	• Mártir, porque sofreu muito com os açoites levados por desempenhar a sua profissão
• Falsa e mentirosa [«Seiscentos virgos posticos», «três arcas de feiticos», «Três almários de mentir» (vv. 506-509)]	• Benfeitora, pois deu moças aos cônegos da Sé
• Ladra [«alguns furtos alheios» (v. 511)]	• Serviu a Igreja, logo merece ir para o Paraíso
• Hábil na arte de seduzir os homens [«Cinco cofres de erlheos», «joias de vestir», «Guarda-roupa d'encobrir» (vv. 510, 512 e 513)]	• Santificada, pelo sofrimento que padeceu em vida, comparando-se a anjos e apóstolos [«som apostolada/angelada e martelada» (vv. 546-547)]
• Pretende continuar o seu negócio após a morte, o que mostra que não está arrependida	• Caso fosse condenada, todo o mundo deveria tê-lo também [«Se fosse o fogo infernal/la iria todo o mundo» (vv. 529-530)]
• Não chega ser acusada pelo Diabo	
• O Anjo reage com indiferença, não lhe dirigindo a palavra	

CÓMICO DE LINGUAGEM

«Cuidais que trago piolhos, anjo de Deos, minha rosa?» (vv. 536-537)

CÓMICO DE SITUAÇÃO

Entrada em cena da Alcoviteira com toda a carga que traz consigo.

CÓMICO DE CARÁTER

O facto de Brísida Vaz considerar ter tido uma atividade sagrada [«fiz cousas mui divinas» (v. 548)].

INTENÇÃO CRÍTICA

Gil Vicente faz uma crítica social e moral, denunciando a atividade das alcoviteiras, que, para além de desenvolverem uma prática ilegal, exploravam pobres moças que eram conduzidas à prostituição. Por outro lado, critica-se, de forma indireta, o Clero, que mantinha com as alcoviteiras relações estreitas e pecaminosas, uma vez que aquele usufruía dos serviços que estas ofereciam.

O Judeu

(Cena VIII)

CLASSE SOCIAL (RELIGIOSA)

Judeus

DESENLAÇE

Condenação

MOVIMENTAÇÃO EM CENA	Cais → Barca do Diabo (embarquei - indo a reboque)
EVOLUÇÃO PSICOLÓGICA DA PERSONAGEM	• Decidido a entrar na barca do Diabo acompanhado pelo bode
SÍMBOLOS	SIGNIFICADO
Bode	Representa a religião judaica. O bode expiatório era imolado nos sacrifícios rituais da religião judaica

ASPECTOS CARACTERIZADORES

- Fanático, devido ao forte apego à religião judaica (que procura respeitar, ao levar consigo o bode), rejeitando até ao fim o catolicismo (por essa razão nem se aproxima da barca da Glória)
- Determinado a entrar na barca do Diabo (recusando, deste modo, a religião representada pelo Anjo)
- Amor ao dinheiro, expresso nas moedas com que procura subornar o Diabo (para conseguir os seus intentos) [«Eis aqui quatro testões/e mais se vos pagará.» (vv. 583-584)]

ARGUMENTOS

DE ACUSAÇÃO	DE DEFESA
• Acusação feita pelo Parvo: – ladrão [«Furtaste a chiba, cabrão?» (v. 605)] – desrespeitador do catolicismo e das suas tradições, nomeadamente porque profanou as sepulturas cristãs [«E ele mijou nos finados/bergueia de São João» (vv. 611-612)] e comeu carne num dia de jejum [«t comia carne da panela/no dia de Nosso Senhor» (vv. 613-614)]	• Os argumentos de defesa apresentados pelo Judeu visam a sua entrada na barca do Diabo: – disposto a pagar a viagem – não é inferior a Brísida Vaz, a alcoviteira, que tivera direito a ir na barca do Diabo
• O Diabo não o acusa porque não quer levá-lo na sua barca	• Procura levar o Fidalgo a interceder por si, uma vez que o considera uma pessoa influente
• O Anjo não lhe dirige a palavra porque o Judeu representa uma outra religião	

CÓMICO DE LINGUAGEM

Linguagem popular utilizada pelo Judeu, quando se apercebe que o Diabo não o quer deixar embarcar [«Azará, pedra miúda,/fodo, chanto, fogo, lenha,/caganeira que te venha!» (vv. 597-599)].

CÓMICO DE SITUAÇÃO

Entrada em cena com um bode às costas.

INTENÇÃO CRÍTICA

O Judeu é uma personagem-tipo que representa todos aqueles que seguem a religião judaica, desprezando e desrespeitando a religião católica. Com esta cena, Gil Vicente pretende denunciar este fanatismo judaico e também o apego ao dinheiro, que era típico desta classe.
O facto de o Diabo não aceitar a entrada do Judeu na sua barca é uma forma de marginalizar e inferiorizar esta classe e a sua religião.